

Ensinamentos para além da vida escolar: relatos de quem forma formadores.

Marcos Junio Lira Silva¹ (Coordenador Pedagógico, <mjlsilva@pi.sesc.com.br>).

RESUMO

Este presente trabalho bibliográfico são fruto de vivências de quem há 04 (quatro) anos exerce a função de formar quem forma sujeitos em construção de suas capacidades atitudinais, comportamentais e valorativas, ou seja, vivências como Coordenador Pedagógico a frente de uma equipe de professores do Ensino Fundamental – Anos Finais. Cada dito aqui parte das observáveis do conduzir da tríade indissociável do fazer pedagógico na postura do docente: a ação/reflexão/ação, porém o agir/ação (mudança de postura) necessitamos a cada dia aprimorar, ou seja, é preciso ação, pois a reflexão/ avaliação deva ser consciente e nos exige isso. Aqui a educação que me refiro nesse trabalho, não é aquela conteudista, sim o conteúdo informa, faz conhecer, faço referência a um ensinar emancipador, visionário, empreendedor, que fomenta adeptos de uma prática pensante. É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de estudar, de procurar, de pesquisar, de comunicar. Por fim, o que busco é mostrar a nossa condição de formadores, às vezes lançamos um olhar num horizonte muito distante, hoje agrego a esse escrito de maneira contundente que essa busca/encontro pode ser até vazia quando não me permito tocar pelas escutas e transformar meu ser pelas experiências e pela observação das boas práticas, a reflexão pedagógica alicerçada a partir de cada achado nas propostas de aprendizagem com minhas crianças, um olhar cuidadoso a cada descoberta dos meus alunos, que me faz conhecer, avaliar as observáveis, fazer inferências, buscar fundamentos e isso me conduz ao autoconhecimento, a auto formação, pois penetra no campo do conhecer, estudar, pra agir novamente, culminado no efeito e na nova ação. Os resultados aqui expressam que as aprendizagens em um ambiente escolar vão muito além de conteúdos, mas servem para a vida social e profissional, e antes de tudo passam pelo conhecimento de si mesmas.

Palavras-chave: Formação continuada, Profissionalismo, Postura Pedagógica, Pedagogia Humanizada.

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar a nossa breve conversa, reúno aqui palavras minhas comungadas com as de escritores renomados na área educacional na construção de reflexivas, aprendizados que enriqueceram meu ser, fazer e conviver, para compor um estudo, como espécie de “livro de bolso”, não no seu sentido físico, como algo compartimentado, pormenorizado em tamanho e conteúdo, pelo contrário, sentido expresso em sua simbologia, algo que nos remete em sua essência aquilo que facilmente pode ser trazido consigo, ou seja, objeto que cabe no bolso, facilmente cabe no coração, na mente e consequentemente na vida.

¹ Pedagogo formado pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Coordenador Pedagógico dos Anos Finais do Ensino Fundamental - Sesc Centro Educacional Miranda Osório. Especialista em Docência do Ensino Religioso (ICESPI); em Alfabetização e Letramento (UNOPAR) e em Gestão Escolar (Senac).

Sendo assim, convido você leitor (a) a se deleitar nesses ditos meus, desprovidos de qualquer expectativa, pois quando antecipamos algo, pode acabar por nos frustrar, conseqüentemente gera decepção, o meu convite é num caminhar de desencontro a isso, mas de contemplar, refletir e logo agir. Se coloque numa postura de viajante que não sabe quantas descobertas irão se revelar frente ao horizonte que irá desbravar. É claro que toda viagem nos requer saber para onde vamos, se não correremos o risco de se tornar um “barco a deriva”, Mas reitero que o ponto de chegada nesses ditos meus não lhe levaram a um fim, meu intuito é oposto a isso, não trago respostas prontas, “não são as respostas que movem o mundo, e sim as perguntas”. Minhas falas serão sempre em tom de reflexivas. O convite é para apenas se deixar conduzir pelas palavras, despidas de qualquer conceito pré-estabelecido sobre quem escreve, por mais que para absorver os ditos, o testemunho deste antecede a palavra. Pois, os escritos arrojados e fundamentados exigem postura válida diante de quem faz, mais do que simplesmente da fala.

Por isso faça que este seja como tudo na vida uma experiência única, usando o tempo a nosso favor, está última fonte de inspiração para as palavras minhas, pois preenchemos nosso tempo, com posturas muitas das vezes, ricas de vazio, que não me permitem olhar e ser olhado, amar e ser amado, sorrir e compartilhar gargalhadas, partilhar e receber, consolar e ser consolado, orientar e ser compreendido, falar e escutar, extremidades estas, em que um depende do outro.

Assim espero que estas palavras ecoem nos encontros da vida escolar, em nossas idas e vindas como um eterno pensar e repensar, construir e desconstruir, começar e recomeçar, analisar e avaliar, agir e refletir, um constante movimento que, movido pela curiosidade que me inquieta, sonho, logo mudo.

METODOLOGIA

Caro (a) s leitores (a) s, esse estudo de cunho bibliográfico, tem como ponto de partida um relato de o trabalho que desenvolvo a frente de uma equipe de 13 professores nos Anos Finais do Ensino Fundamental, escritos estes de quem escolheu a educação como ato de resistência frente a aqueles que se colocam como detentores da verdade, de um saber ou uma prática “imaculada” e que alguns discursos precisam ser expressos em “voz alta”, pois acredito no ato de educar/ensinar, como contributo essencial para formação do cidadão na sua totalidade, integralidade desde os seus aspectos cognitivos,

perpassando pelos psíquicos, afetivos e sociais, que vão para o além dos saberes escolares.

O ponto de partida destas reflexivas evoca o conhecimento real e possível, ambos os termos que trago a tona, são sinônimos, que remetem a uma única essencialidade, pensar “como o aprendizado acontece”, pôr se a entender, a olhar cada sujeito como único, que respeita seu tempo, às vezes queremos algo que o outro não nos pode oferecer. Proponho uma Pedagogia Humanizada, em que o olhar sensível ao coletivo e as individualidades são possíveis. É claro que se faz necessário pensarmos num ideal de educação, não como algo utópico, e muito menos que este não seja um obstáculo para viver o presente, sempre idealizando algo que não possa ser concretizado, pois o ideal se remete ao que quero e não é aquilo passível de acontecer.

Procurei reunir neste trabalho todos os escritos dentro do âmbito da formação continuada de professores na qual conduzo a quase 04 anos de Coordenação Pedagógica no Sesc – Serviço Social do Comércio/Centro Educacional de Parnaíba – PI e agora no Centro Educacional Cívico Militar. Cada dito aqui parte das observáveis do conduzir da tríade indissociável do fazer pedagógico na postura do docente: a ação/reflexão/ação, porém o agir/ação (mudança de postura) necessitamos a cada dia aprimorar, ou seja, é preciso ação, pois a reflexão/ avaliação deva ser consciente e nos exige isso, parafraseando Paulo Freire: é preciso “perceber-se inacabado” para depois conseguir inserir novas posturas em nosso fazer. “[...]. Somente o homem consciente de suas determinações (limitações, obstáculos) pode exercer sua consciência crítica e, por meio dela, modificar a ordem existente, escolher viver não de forma que está posta, mas de outra.” (SENAC).

REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui a educação que me refiro, não é aquela conteudista, sim o conteúdo informa, faz conhecer, faço referência a um ensinar emancipador, visionário, empreendedor, que fomenta adeptos de uma prática pensante e não “alienada”. Pois nas cadeiras de nossas salas de aulas, o que encontramos são vidas, sujeitos curiosos, pensantes, ativos, e “curiosidade é uma coceira nas ideias”, segundo Rubem Alves. O educador tem de ajudar o aluno a transformar a informação em conhecimento. O que define a aprendizagem não é saber muito, é compreender bem aquilo que se sabe. É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de estudar, de procurar, de pesquisar, de

comunicar, parafraseando António Nóvoa. Comungo da mesma inquietude de Rubem Alves “eu sonho com o dia em que os professores, em suas conversas, falarão menos sobre os programas e as pesquisas e terão mais prazer em falar sobre os seus alunos.” Pois segundo Nietzsche “aquele que é um verdadeiro professor toma a sério somente as coisas que estão relacionadas com os seus estudantes – inclusive a si mesmo”.

Assim, nossas posturas pedagógicas precisam ter como ponto de partida, o aluno em sua singularidade, com um olhar visionário, provocativo, daquele que olha para o estudante com um grande potencial, “a primeira tarefa da educação é ensinar a ver”, dizia o filósofo Nietzsche. “Não é obrigatório que elas gostem do que veem. Mas é importante que seus horizontes se alarguem”. (Rubem Alves).

Num ponto gostaria que tivéssemos prudência, às vezes suscita posições no mínimo incoerentes entre o agir e falar, no ato de educar, abro um parênteses para a extração do sentido da palavra educar (oferecer a alguém o necessário para que esta pessoa consiga desenvolver plenamente a sua personalidade), vejamos que a educação nos faz lembrar mais um vez o desenvolvimento global do sujeito, nos seus diversos aspectos.

Observamos que há concordância em muitas posturas pedagógicas, de maneira até assertiva, nos colocamos como ouvintes diante do conhecimento que é posto, mas de fato falta muitas das vezes escuta, a mesma deva ser apurada, sensível, pois existe uma diferença enorme, posso dizer até um “abismo” entre os sentidos etimológicos das palavras: ouvir e escutar, o ouvir nos remete a condição do sentido audição, que é capaz de captar uma infinidade de sons, a escuta não, é comprometida, atenciosa com o que se ouve.

Sendo assim é preciso de um olhar cuidadoso sob a ótica que dentro de qualquer instituição social, possuímos objetivos comuns, pela essência da Missão, Visão e Valores de dada empresa, e os mesmos só podem ser alcançados quando sabemos falar e escutar, estas últimas não são um paralelo, pelo contrário a fala necessita da escuta e vice - versa. E quando nos comportamos indiferentes a isto gera uma desmotivação para seus pares. Em suma, sou a favor que em todo âmbito social deva existir debates e discussões a luz da oferta de uma educação de qualidade, mas não podemos “polarizar” essa relação, que às vezes leva em conta convencionalidades, algo que não é “sadio” do ponto de vista profissional. Assim precisamos ampliar nosso universo de possibilidades de reflexões, que gerem mudanças de postura, e um caminho enriquecedor, a partir é

claro de estudos, fora e dentro dos “muros” da instituição. Que nos leve a conscientização de nossos atos.

A essência da arte do professor reside em decidir que ajuda é necessária em uma determinada circunstância e como é que esta pode ser melhor oferecida. Torna-se claro que, para tal, não há uma fórmula definida. Mas talvez algo de útil possa ser dito sobre as formas de ajuda que poderão ter mais valor. (Margaret Donaldson, *Children’s Minds*, 1978).

Mas chamo novamente a atenção para não deixar de lado a essencialidade da cultural profissional, como aponta Nóvoa: “Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender [...]”. Perfil de um (a) educador (a) que investe em seu conhecimento, projeções com o olhar adiante, ou até mesmo anteposto à didática.

Procuremos pensar nos conteúdos que contemplo, objetivos que defino e nas estratégias que aponto, sob está vertente: os mesmos levam meu (minha) aluno (a) a “pensar”, criticar, se posicionar diante das injustiças, indagar o que lhes é posto, registrar seus intentos, resolver problemas, refletir, agir de maneira colaborativa, criar, recriar, imaginar, fantasiar, produzir, analisar, avaliar, auto avalia-se, prever, observar, reconhecer-se aprendiz, rir, mover-se, inquietar-se, tantas máximas, que nada mais são do que a função da escola, da que me refiro, em resumo, a formação integral do educando em meio a uma sociedade muitas das vezes excludente, preconceituoso, com “amarras” em padrões estéticos sociais, que definem normas, aprisiona saberes, reprime liberdade, aponta erros, mas que vive, e é nessa nuance de viver a constante metamorfose do conhecimento, das tecnologias de comunicação e informação, que devemos nos “agarrar”.

[...] nesta perspectiva, e é preciso reiterar, não deverão ser os educadores meros espectadores deste processo de formação, mas também pesquisadores no desafio de Ensino Fundamental aprimorarem o seu saber-fazer, desta forma, atitude e habilidade de pesquisa são fundamentais. (PROPOSTA PEDAGÓGICA SESC, 2015, P. 271).

Parafraseando Paulo Freire, é na dialogicidade que reflito, o que gera conhecimento, me faz repensar e provocar melhorias.

O professor sensível, que olha com olhos de quem quer ver. O professor pesquisador. O professor investigador e que está atento aos detalhes, pois sabe que são os detalhes que fazem a diferença. O professor curioso e que faz muitas perguntas. Perguntas que criam novas situações de aprendizagem. É esse

professor que vejo todos os dias em minha equipe. (Fabya Martin).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Evidencio nesses relatos a difícil tarefa de lidar com o “novo” parafraseando Antônio Nóvoa ao refletir num tempo espaço que remeto, por exemplo, a pandemia da Covid-19, que não trouxe nada de novo para o cenário educacional, mas “escancarou” todas as problemáticas que permeiam o campo da educação, primeiro no fato que o ato de educar culturalmente é atribuído quase que toda a responsabilidade do ensino/aprendizagem das crianças sobre a escola, ou seja, aos professores. Outro ponto que devemos estar atentos é nosso olhar para o que propomos no nosso âmbito escolar, nossas propostas devem ser suficientemente desafiadoras e estimulantes, a rotina de uma sala de aula, não deve ser algo repetitivo, não no contexto de não ter rotinas habituais, mas que estas sejam significativas, tornando-se assim únicas, haja vista que, trabalhamos com saberes que compõe um turbilhão de transformações, que nos exige um constante reinventar, pois convivemos com um grupo de mentes pensantes, inquietas, curiosas, que necessitam serem contempladas em suas particularidades e individualidades, que foca em oportunizar atividades diversificadas que respeitam e conversam com o tempo e o modo de cada aluno(a) quanto ao seu aprendizado. Novamente abro um parênteses de um termo habitual da rotina das Escolas do Sesc, “atividades diversificadas”, que faz rememorar, propostas de acordo com as particularidades de aprendizagem de cada sujeito, que significa respeito pela infância, pelo ser de cada um, que compreendemos o indivíduo, como “solamente persona”, ou seja, pedagogia personalizada, individual, que constroem vivências de acordo com os níveis de aprendizagem de cada um.

É reconhecido todo esforço realizado diante das práticas realizadas, porém não é o ponto de chegada, o fim último, precisamos a cada dia surpreender quem vem aprender. O nosso fazer não deverá ser algo “previsível”, a busca do conhecimento vai pro além do esperado, causar surpresa e expectativa por aquilo que vai acontecer, gerando curiosidade e despertando a vontade de passar por cada etapa de forma prazerosa pelo contato com o novo. Parafraseando Rubem Alves, a aprendizagem deveria ser algo que provoca, incomoda, inquieta.

[...]. Se aquela matemática que eu aprendo não me ajuda a caminhar, não me ajuda a fazer compras, não me ajuda a

compreender aquele lance esportivo. Se aquela língua portuguesa que eu aprendo não ajuda a me comunicar, a colocar toda a intensidade das minhas emoções na minha fala, eu na verdade, não aprendi. [...]. (MOSÉ, pág. 183, 2013).

A palavra CONHECER é o primeiro passo estruturante do fazer pedagógico e o que permite emergir nessas observáveis é o planejamento, que é o âmago de nossa práxis, de forma metafórica, comparo o ato de planejar (ação) como um coração que nutre vida para o restante do corpo humano, ou seja, o planejamento é um órgão vital do fazer pedagógico, o norte da nossa proposta, o reduto de nossos intentos, o pulsar de propostas de aprendizagem, ato que provoca em quem planeja, lê e executa inquietude por novas descobertas.

Desse modo, dando continuidade ao nosso trilhar nestes ditos, convido-o (a) a nos aprofundar em nossa postura, a partir de uma visão que prima pelo o essencial na ação educativa, no qual primeiramente que proponho reflexão partindo da indagação: minhas propostas de aprendizagem envolvem uma situação de “jogo”? O termo em grifo nos faz pensar se estamos atentos ao potencial educativo quando planejamos quando nos referimos à oferta de atividades que valorizam o brincar, o pensar, o fazer, a descoberta, a pergunta... O que planejo interfere diretamente no segundo ponto chave de nossa discussão, a avaliação como dinâmica de reflexão, ações estas que são indissociáveis ao ato de documentar. Se minhas propostas não são potencialmente educativas, os meus registros não serão suficientes de descobertas que me possibilite três direcionamentos:

- Primeiro: elementos balizadores para a construção da documentação pedagógica de cada criança, partindo do pressuposto, que a centralidade do meu fazer, é o meu aluno, e as observáveis e registros que faço em cima das vivências me possibilitarão redirecionar minha prática;
- Segundo: consolidar nosso fazer educativo frente à clientela, que vê nas propostas enviadas e no parecer descritivo o percurso escolar da criança a partir da seguinte tríade no processo de ensino/aprendizagem: investigação – descoberta – aplicação do conhecimento;
- Terceiro: auto formação, olhar cada vivência sobre a seguinte ótica, fundamentação teórica, observar cada achado alicerçando no que os teóricos dizem sobre o que as crianças irão experienciar.

Por isso reitero que a cada dia pensemos no ato de planejar como condição coletiva, lembrando a frase “o coração só é vital, pois o corpo necessita dele”, assim a nossa prática necessita de direção, para não corrermos risco de sermos um “barco a deriva”, que não sabe pra onde vai, sendo que o nosso mapa, bússola, nosso plano não é fiel o bastante para penetrar na essencialidade da educação contemporânea, uma formação que pensa e vive um movimento que reflete o sujeito a partir de sua integralidade (seus aspectos sócio/afetivos/psíquicos e cognitivos).

[...]. O planejamento de ensino constitui-se, então, na previsão, organização e avaliação de situações que propiciem condições para que os alunos construam conhecimentos sobre conteúdos e valores a serem explorados num determinado período. [...]. A finalidade de um planejamento é permitir pensar previamente no que se quer e no que se pode fazer, em função da criança e da sociedade em que se vive e se quer viver. Como um instrumento que leva a uma tomada de decisão, concretizando-se por meio de ações reais, um planejamento que fique apenas no papel nada significa. Ele precisa falar de vida, de uma história em construção, em que a criança é o centro. Para tal, é de fundamental importância conhecer a Realidade social e cultural dos alunos. (Proposta Pedagógica Ensino Fundamental 38 e 39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, posturas que fomentem boas práticas só são possíveis, quando nos percebemos sujeitos inacabados em constante “lapidação”, relacionando, somos “barro nas mãos do oleiro”, ou seja, é preciso nos tornar ativos na posição de aprendizes, que a cada nova construção, opinião, sugestiva, descoberta vamos “filtrando e nos moldando”, trazendo pra si a essência do “bom professor”, não de forma figurativa conceituando perfeição, algo que não é possível, pois somos passíveis de erros, mas como alguém que pauta sua conduta em pilares como: acreditar no potencial transformador de minhas ações, um ser de caráter, coerência em agir e falar, trabalho em coletividade e pré-disposição na escuta e na fala.

Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. Paulo Freire.

A ressalva recai sobre a consciência da eterna busca de melhoria profissional (formação), às vezes lançamos um olhar num horizonte muito distante, hoje agrego a esse escrito de maneira contundente que essa busca/encontro pode ser até vazia quando não me permito tocar pelas escutas e transformar meu ser pelas experiências e pela observação das boas práticas, desse modo, vou um pouco além, que é o ponto que quero chegar e finalizar os ditos meus, a reflexão pedagógica alicerçada a partir de cada achado nas propostas de aprendizagem com minhas crianças, um olhar cuidadoso a cada descoberta dos meus alunos, que me faz conhecer, avaliar as observáveis, fazer inferências, buscar fundamentos e isso me conduz ao autoconhecimento, a auto formação, por ensejar penetra no campo do conhecer, estudar, pra agir novamente, culminado no efeito e na nova ação.

O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo os sonhos estão cheios de jardins. O que faz um jardim são os sonhos do jardineiro. Rubem Alves.

Por fim, nesses achados de pesquisa os resultados aqui expressam que as aprendizagens em um ambiente escolar vão muito além de conteúdos, mas servem para a vida social e profissional, e antes de tudo passam pelo conhecimento de si mesmas.

REFERÊNCIAS

MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SOUZA, Flávia Burdzinski de; VARGAS, Gardia. AVALIAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES E PERSPECTIVAS. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.29.

SESC. Departamento Nacional. Proposta pedagógica do Ensino Fundamental: anos iniciais - Rio de Janeiro, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO: Currículo e Avaliação.

SESC. Proposta Pedagógica do Ensino Fundamental, 2016.

Governo do Estado do Paraná. Critérios de avaliação e expectativas de aprendizagem.

NÓVOA, António. Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa: 2009.



FOCHI, Paulo. Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Porto Alegre, 2019.